

Relator de Eduardo tem relações com bolsonarismo

Escolha escancara dilema entre técnica e alinhamento político

Por Karoline Cavalcante

A escolha do deputado De-
legado Marcelo Freitas (União
Brasil-MG) como relator do
processo contra Eduardo Bol-
sonaro (PL-SP) no Conselho
de Ética da Câmara dos De-
putados escancara um embate
entre competência técnica e ali-
nhamento político. A avaliação
é do cientista político Elias Ta-
vares, em entrevista ao Correio
da Manhã. Para ele, de um lado,
Freitas acumula experiência em
pautas de grande impacto —
como a relatoria da Reforma da
Previdência. De outro, sua pro-
ximidade com o bolsonarismo
levanta dúvidas sobre a impar-
cialidade do parecer.

A designação do relator
ocorreu na última sexta-feira
(26), após sorteio de uma lista
tríplice que incluía ainda Duda
Salabert (PDT-MG) e Paulo
Lemos (Psol-AP). A escolha
foi oficializada pelo presidente
do colegiado, Fábio Schiochet
(União Brasil-SC). A partir da
nomeação, Freitas terá até dez
dias úteis para apresentar um
parecer preliminar sobre a ad-
missibilidade da denúncia.

Reações

O processo, que pode resul-
tar na cassação do mandato de
Eduardo, foi instaurado a partir
de uma representação apresen-
tada pelo Partido dos Traba-
lhadores (PT). A sigla acusa o
deputado de quebra de decoro
parlamentar por ataques a in-
stituições brasileiras — espe-
cialmente ao Supremo Tribunal
Federal (STF) — durante sua
estadia nos Estados Unidos,
além da disseminação de dis-
cursos considerados antidemo-
cráticos.

A nomeação de Freitas ge-



Kayo Magalhães/Câmara dos Deputados

Freitas já classificou Eduardo como seu “amigo”

rou reações no meio político,
principalmente por seu histó-
rico de alinhamento ao bolso-
narismo. Ex-delegado da Polí-
cia Federal e em seu segundo
mandato na Casa Baixa, o par-
lamentar já se referiu a Eduar-
do Bolsonaro como “amigo” e
tem feito críticas recorrentes
ao STF. Em 2023, defendeu a
anistia aos envolvidos nos atos
de 8 de janeiro — quando ma-
nifestantes invadiram e depre-
daram as sedes dos Três Pode-
res, em Brasília — e apoiou a
chamada “PEC da Blindagem”,
que dificultaria investigações
contra parlamentares e foi en-
terrada na última semana pelo
Senado Federal.

Perda de mandato

No entanto, como observa
Tavares, o maior risco enfren-
tado por Eduardo pode não
estar diretamente relacionado à
relatoria. Desde o fim de sua li-
cença parlamentar, em julho, o
deputado acumula faltas injus-
tificadas. Tentativas de segui-

licenciado ou atuar remota-
mente fracassaram, e até a es-
tratégia de assumir a liderança
da Minoria como forma de se
proteger foi rejeitada pela Mesa
Diretora e pelo presidente da
Câmara, deputado Hugo Mot-
ta (Republicanos-PB).

“O resultado é que Eduardo
passa a encarar não só um julga-
mento político, mas também a
aplicação objetiva do regimen-
to, que prevê a possibilidade de
perda de mandato por excesso
de ausências”, destacou o espe-
cialista.

O deputado pode ser en-
quadrado no artigo 55 da
Constituição Federal, que
prevê a perda de mandato de
parlamentares que faltarem a
um terço das sessões ordiná-
rias sem justificativa aceita. O
PT argumenta que as ausências
do deputado são deliberadas e
dolosas, configurando infração
regimental.

A tramitação do caso no
Conselho de Ética segue rito
definido: após o parecer preli-

minar, haverá uma fase de in-
strução, com coleta de provas e
depoimentos, que pode durar
até 90 dias úteis. Ao fim, o re-
latório final será votado pelos
membros do colegiado e, se
aprovado, encaminhado ao ple-
nário da Câmara, onde a cassa-
ção depende do voto favorável
de pelo menos 257 deputados.

Atualmente, Eduardo res-
ponde a quatro representações
no Conselho de Ética, três de-
las apresentadas por partidos
de oposição — duas pelo PT e
uma pelo PSOL. O presidente
do colegiado já sinalizou a in-
tenção de unificar a tramitação
dos casos, o que pode acelerar
os desdobramentos.

Na análise de Tavares, a si-
tuação do deputado é delicada
em duas frentes: “Essa combi-
nação coloca Eduardo em uma
posição de extrema vulnera-
bilidade. Politicamente, ainda
conta com apoios dentro do
Congresso, mas se vê encurrala-
do pelo processo no Conselho
de Ética ou pelas faltas.

Encontro com Trump pode redefinir relações com EUA

Por Karoline Cavalcante

O panorama internacional
na 80ª Assembleia Geral da Or-
ganização das Nações Unidas
(ONU), realizado em Nova
York, foi marcado por fortes
declarações e uma polariza-
ção crescente, com destaque
para o discurso do primeiro-
ministro de Israel, Benjamin
Netanyahu (Likud). Na oca-
são, ele afirmou que a opera-
ção militar contra o Hamas na
Faixa de Gaza seguirá até que
Israel “conclua o trabalho”. O
pronunciamento, de tom de-
safiador, foi um reflexo claro
de seu alinhamento com sua
base interna, mas também evi-
denciou um distanciamento da
comunidade internacional, que
mostrou forte rejeição à conti-
nuidade dos ataques à popula-
ção palestina.

“Os últimos elementos do
Hamas estão entrincheirados.
Precisamos terminar o servi-
ço”, declarou. O primeiro-mi-
nistro negou acusações de que
as forças israelenses estariam
atingindo civis ou promovendo
escassez de alimentos em Gaza.
“Se há fome, é por culpa do
Hamas, que está roubando os
alimentos”, alegou. A guerra,
segundo autoridades palestinas,
já deixou mais de 65 mil mor-
tos e grande parte do território
devastado.

Protestos

Netanyahu fez a declaração
na última sexta-feira (27), dian-



Ricardo Stuckert/PR

Polarização sobre Israel marcou assembleia da ONU

te de um plenário esvaziado.
Delegações de dezenas de paí-
ses, entre eles o Brasil, se tira-
ram em protesto antes mesmo
do início da fala.

O Correio da Manhã con-
versou com especialistas para
entender melhor o cenário.
Para a advogada especialista
em direito internacional, Han-
na Gomes, o gesto simbólico
das delegações representou um
ato global e diplomático de
protesto. “A saída do plenário,
as declarações do presidente
Luiz Inácio Lula da Silva (PT)
classificando as ações em Gaza
como genocídio, e até mesmo
o simbolismo da vestimenta da

primeira-dama, representam
um rompimento com a histó-
rica equidistância na política
externa brasileira em relação
ao conflito. O país assume uma
postura mais alinhada com a
causa palestina, colocando-se
ao lado de nações que pedem
o fim imediato dos ataques e o
respeito ao direito humanitá-
rio”, afirmou.

Na avaliação do professor
de Relações Internacionais
da Fundação Getulio Vargas
(FGV) e da Fundação Arman-
do Álvares Penteadó (Faap)
Vinícius Vieira, embora o Bra-
sil tenha se posicionado contra
Israel, é improvável que isso

leve a um isolamento do país.
Ao contrário, mencionou que a
crescente rejeição a Netanyahu,
atinge até seus aliados tradicio-
nais, citando a recente objeção
do presidente dos EUA, Do-
nald Trump (Republicano) em
relação à anexação da Cisjor-
dânia por Israel. “Isso demons-
tra o crescente isolamento do
primeiro-ministro”, observou o
professor.

Lula e Trump

No mesmo evento, outra
movimentação chamou a aten-
ção: o presidente norte-ame-
ricano revelou sua intenção de
se reunir com o líder brasileiro
ainda nesta semana. O anún-
cio foi feito de forma informal
durante seu discurso, quando
Trump mencionou um breve
encontro com Lula nos basti-
dores da ONU. “Houve quí-
mica. Gosto dele e ele gosta
de mim”, disse, sinalizando um
interesse em estreitar laços po-
líticos, apesar da crise diplomá-
tica entre os dois países, que se
intensificou nos últimos meses
com a imposição de sanções
comerciais e políticas contra o
Brasil e suas autoridades.

O anúncio foi bem recebi-
do pelo governo brasileiro, que
ainda avalia a melhor forma de
viabilizar o encontro. Segun-
do a advogada Hanna Gomes,
Lula deve priorizar temas de in-
teresse mútuo — como econo-
mia, clima, guerra na Ucrânia
e investimentos — evitando
questões mais delicadas.

CORREIO BASTIDORES

POR FERNANDO MOLICA

Lula Marques/ Agência Brasil



Deputado afirma que quer tentar a Presidência

PL-raiz já admite racha com Eduardo Bolsonaro

Ao insistir num discurso
radical e rejeitar qualquer
possibilidade de conces-
sões, o deputado Eduardo
Bolsonaro (PL-SP) revela a
disposição de tentar não
permitir que a corrente
política liderada por seu
pai seja diluída por uma
direita mais flexível.
Integrantes do PL-raiz
— pouco afeito a com-
promissos ideológicos —
admitem, em conversas
reservadas, que não será

fácil conciliar o ímpeto
bolsonarista expresso por
Eduardo com o pragma-
tismo do presidente do
partido, Valdemar Costa
Neto: em 2002, ele aben-
çou a entrada de José
Alencar, como candidato
a vice-presidente, na cha-
pa encabeçada por Lula.
A possibilidade de o 03
sair do PL para disputar a
presidência já é levada a
sério; se ele permanecer
solto e elegível.

Diz que sim

Condenado, prestes a ini-
ciar o cumprimento de
sua pena, Jair Bolsonaro
dá sinais dúbios. Permi-
te que políticos ligados a
ele vazem para jornalistas
informações de que pede
moderação ao filho autoe-
xilado nos Estados Unidos,
onde lidera campanha de
retaliação ao Brasil.

Faz que não

Esses mesmos aliados
divulgam que o ex-presi-
dente aceitaria abrir mão
da anistia em troca de
uma redução de penas
e da certeza de que teria
direito a prisão domiciliar.
Mas isso não foi verbaliza-
do por nenhum de seus
filhos ou pela mulher, Mi-
chelle.

Isac Nóbrega/PR



Mulher de Bolsonaro reitera intenção do marido

Michelle e a candidatura — a primeira-dama

Semana passada, Fabio
Wajngarten, ex-advoga-
do de Bolsonaro e seu ex-
-chefe de Comunicação
Social, usou redes sociais
para desmentir que o
amigo aceitara qualquer
negociação.
Incapaz de confiar até
mesmo nos políticos de
seu círculo mais próximo,
Bolsonaro tem ouvido
muitas sugestões, dá si-

nais de que pode concor-
dar com uma ou outra,
mas mantém a radicaliza-
ção.
No sábado, em Ji-Paraná,
Rondônia, Michelle disse
que não quer ser candi-
datada a presidente, mas
a primeira-dama. Ou seja,
aposta que o marido, ine-
légível e condenado, po-
derá ser candidato a pre-
sidente em 2026.

Tabelinha

No PL-raiz e no Centrão
ninguém acredita que
Eduardo, apesar de dis-
cordâncias com o pai,
atue à revelia dele. Ao in-
sistir numa chapa à Pre-
sidência encabeçada por
um Bolsonaro ele replica
a estratégia de Jair de não
indicar qualquer aliado
para a disputa do cargo.

Mistério

A dubiedade deverá
acabar nas próximas se-
manas, com a provável
votação do projeto de di-
minuição de penas para
golpistas. O PL bolsonaris-
ta insiste que não aceitará
nada menos que a anistia
— a questão é saber se
essa posição de tudo ou
nada será mantida.

Risco do fim

A aceitação de punição
menor para Bolsonaro e
outros condenados indi-
cará uma possibilidade de
conciliação com setores
da direita. A grande ques-
tão é a que o ex-presiden-
te